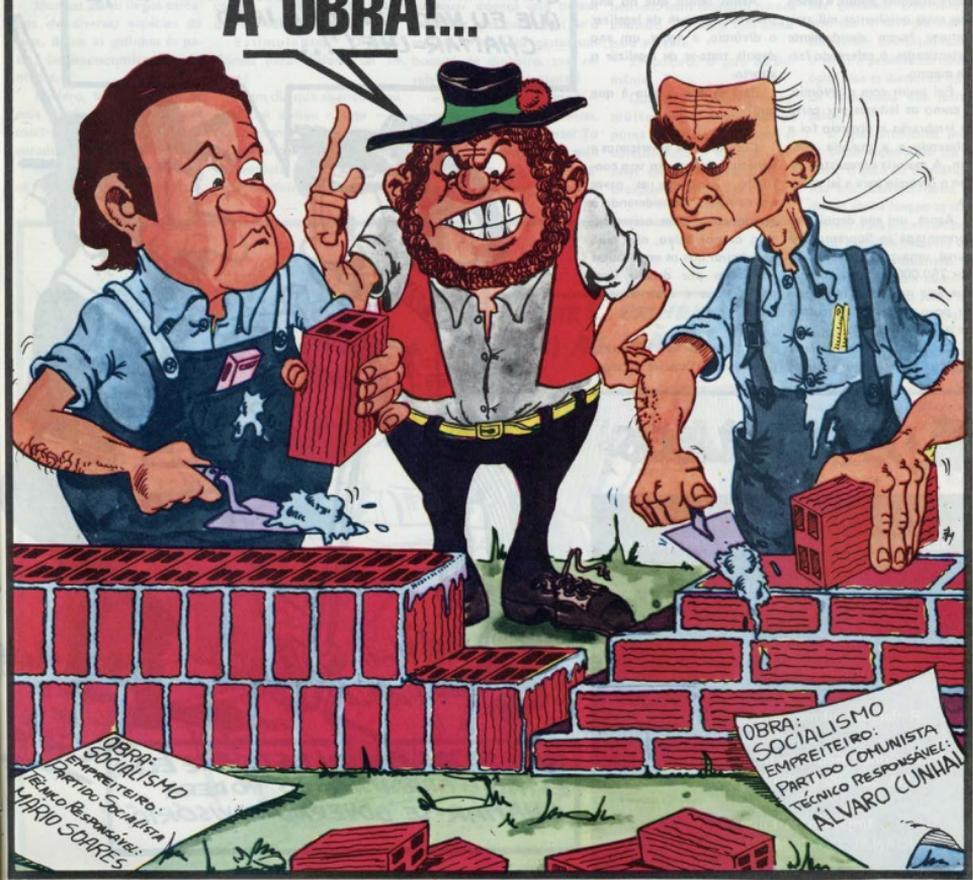




OS RIDÍCULOS

EU QUERO VER É COMO É QUE VOCÊS VÃO ACERTAR ISSO PARA ACABAR A OBRA!...



OS GRANDES PONTOS INTERNACIONAIS

Vocês lembram-se certamente que no ano passado depois de muitas discussões e de largas campanhas de tremenda intensidade, os italianos acabaram por decidir no referendo geral quem é que queria que fosse introduzido na lei italiana o divórcio e quem é que não queria.

Aquilo deu brado e em muitos casos até deu barulho, mas a verdade é que em Itália, desde que pelo menos quinhentas mil pessoas subscreverem uma petição para que se faça um referendo racional sobre qualquer ponto, e desde que essas quinhentas mil assinaturas forem devidamente autenticadas, o referendo faz-se mesmo.

Foi assim com o divórcio, e como os leitores por certo se lembrarão o divórcio foi a referendo e a maioria disse sim. A maioria conquistou assim o divórcio para a lei italiana.

Agora, um ano depois, foi apresentada ao Supremo Tribunal uma petição subscreta por 750.000 assinaturas, para que seja posto em referendo ao povo italiano a discussão da lei sobre o aborto.

Claro que a mesma regra se aplica: basta que dessas

750.000 assinaturas sejam autenticadas quinhentas mil, e lá teremos o povo italiano a pronunciar-se agora pelo aborto. Legalizar ou não legalizar? Eis a questão. Porque presentemente o aborto em Itália é punido por uma lei de 1930 com penas de dois a cinco anos de pena maior.

Aqui há tempos foram admitidas no código algumas circunstâncias atenuantes. Mas a petição, é que subscreta entre outros pelo partido de Libertação das Mulheres pretende a sua legalização.

Assim temos que no ano passado tratou-se de legalizar o divórcio, e agora, um ano depois trata-se de legalizar o aborto.

Para o ano o que é que será?

Cosmonautas americanos e soviéticos fazem um voo conjunto, juntando as naves Soyoz-Apolo. Considerando o estado em que as coisas andam cá por baixo, não seria de admirar que os astronautas acabassem por decidir ficar por lá, que é mais sossegadinho...

Entretanto em Helsínquia prepara-se a Cimeira de segu-

rança europeia onde se espera a participação de 35 delegações.

Todas preocupadas com a segurança. Claro que principalmente com as respectivas suas. Porque quanto às dos outros... lá vão meio às claras meio às escondidas fazendo umas provocações para animar as artes. Bom, mas na Conferência Cimeira sobre Se-

gurança Europeia não falta ninguém!

Yitzhak Rabin, primeiro ministro israelita encontrou-se com mestre Kissinger na Alemanha, para tratar dum assunto em que há muito tempo não falavam: um entendimento entre árabes e judeus.

Rabin disse que Kissinger lhe tinha transmitido o últi-

mo episódio do folheto transmitido pelos egípcios e que por este andar esperava que daqui a um ano se pudessem chegar a um acordo de paz com eles.

O que não se pode dizer que não seja optimismo. E o que parece garantir ao senhor Kissinger motivo para mais umas quantas viagens. A propósito: ele receberá ao quilómetro?

EU SEI QUE O OUTRO GOVERNO SE CHAMAVA "PROVISÓRIO"... O QUE VEM, É QUE EU NÃO SEI, COMO IRÃO CHAMAR-LHE!!!...



NÃO SEJAS PARVO! ESTE QUE ELES ESTÃO A ARRANJAR SÓ PODERÁ CHAMAR-SE GOVERNO "DIVISÓRIO!"

Gulp 75

OS RIDÍCULOS

O MAIS ANTIGO
SEMANÁRIO HUMORÍSTICO PORTUGUÊS

DIRECTOR
SILVA NOBRE

PROPRIEDADE
HUMBERTO S. NOBRE

Redacção, administração, composição
e distribuição

R. Conde Redondo n.º 12.º LISBOA
Tel. 538585-537949-48668-563158

Impresso na Empresa do
JORNAL DO COMÉRCIO, S.A.R.L.

HISTÓRIAS ERÓTICAS

Num distante país tropical o meu amigo Jeremias tinha inventado todos os seus haveres numa prometedora exploração avícola.

Tinha-lhe dito (e ele tinha acreditado) que isto de produção andava muito próximo de reprodução e como reprodução é uma coisa que até os animalinhos gostam de fazer, o meu amigo Jeremias esperava grandes proventos da sua exploração.

Montou assim largos cercados de diversas espécies de aves, desde as galinhas às patas, desde codornizes e galinhas.

E claro, tinha também os seus efectivos dos respectivos machos que lhe tinham assegurado serem de boa estirpe.

Infelizmente as promessas não parecem concretizar-se e

depois de cuidadas e melindrosas observações o meu amigo Jeremias chegou à conclusão que a sua exploração não se desenvolvia como devia ser por pouca eficiência dos machos, principalmente dos galos que certamente desencorajados por qualquer complexo passavam os dias a alisar as penas com o bico em vez de se dedicarem a funções mais eróticas.

O meu amigo Jeremias coçava a cabeça sem saber que remédio dar aquilo.

Estimulantes? Drogas? Filmes para maiores de 18 anos?

E um dia que se encontrou com um antigo colega — e precisamente aquele que mais o tinha entusiasmado a meter-se naquela aventura, o Jeremias confidenciou-lhe o seu

desgosto.

— Que era uma chatice, que assim nunca mais a exploração ficava coisa que se visse, que estava a pensar fazer uma caldeirada geral de todos os galos que cobardemente se recusavam a cumprir os seus deveres galináceo-matrimoniais...

— O homem, mas isso tem um remédio muito simples! — respondeu-lhe o amigo — Eu até cheguei a pensar que fosse qualquer doença que tivesse dado nas tuas capoeiras! Se o mal é só esse, tu gastas um bocado de dinheiro, mas resolves o caso num instante!

— Resolvo? Mas como? — perguntou o atônito Jeremias.

— Muito simplesmente! Tu precisas é de comprar um galo da Birmânia. São uns furavidas! Custam caro, mas vais

ver que assim que o meters ao serviço a tua exploração ganha novo alento!

— Um galo de onde?

— Da Birmânia! É uma raça especial. Parecem máquinas! Aquilo nem é preciso dar-lhes corda: basta dar-lhes fêmeas!

O Jeremias informou-se no mercado internacional de galos. E as informações foram todas unânimes. De tal forma unânimes que o Jeremias não hesitou: mais dinheiro menos dinheiro, ele tinha que andar para a frente.

E comprou o galo da Birmânia.

Quando o bicho chegou, muito bem condicionado numa grade de luxo com ar condicionado e tudo, o Jeremias teve um sobressalto de desapontamento. Era um ani-

malzinho franzino e de ar triste, mais parecendo um erro de cruzamento entre uma galinha anémica e um galo raifeiro do que o portento que lhe tinham anunciado. E o Jeremias começou a pensar que mais uma vez tinha sido levado...

Mas enfim. O dinheiro estava gasto... e já não havia remédio. Agarrou no bicharoco pelas esqueléticas asas e atirou com ele para o cercado das galinhas. Das suas quinhentas e tal galinhas que debicavam neurastenicamente o chão à procura de qualquer coisa que as distraísse da falta de assistência dos retraídos galos.

E nesse momento, perante os olhos espantados do Jeremias, o galo da Birmânia saltou um cacarejo rouco, sacudi as asas e lançou-se sobre a galinha mais próxima com um vigor e um entusiasmo verdadeiramente esufiantes. E daí a momentos com outro sacudir de asas saltou sobre outra. E sobre outra. E outra... E outra...

O Jeremias estava parvalhado. Nunca vira tal espectáculo nem mesmo os mais eróticos filmes do moderno cinema. E ao fim de uma hora da espantosa actividade do galo da Birmânia as quinhentas e tal galinhas estavam todas a um canto do cercado, de língua de fora mas cacarejando de satisfação enquanto o galo da Birmânia saltava de novo o seu grito de guerra e se preparava para os desafios da segunda volta...

O Jeremias de repente teve uma ideia: e se o puzesse no cercado das patas? Pelos vistos o bicho não era esquisito...

Meu dito meu feito. Apanhou-o no momento em que ele estava distraído a reproduzir uma das cenas eventualmente chocantes do Emmanuelle e abafando os seus indignados protestos foi soltá-lo no cercado das patas: das suas



Crônicas

AS GRANDES MARCHAS

D. BRIOLANJA

— Minha estremosa filha, sinto-me bestialmente preocupada com vosso ilustre progenitor...

ALDEGUNDES

— Mas porquê, querida mamã? O papá parece andar nos últimos dias bastante na mesma! Porque dizeis isso?

D. BRIOLANJA

— Mas minha filha! Acaso ignorais o que ele tem andado a remexer na asnática tola?

ALDEGUNDES

— Como quereides que eu saiba uma coisa dessas, mamã? A real pinha do senhor meu pai funciona como muito bem sabeis em regime de biscates. Qual é o que funciona agora?

D. BRIOLANJA

— Bem dizeides. Mas também sabeides que ele é de ideias fixas como o caranguejo. Não vos esqueçades que ainda não deixou de pensar num triunfal regresso ao nosso antigo reino...

ALDEGUNDES

— Mas que ideia tão assim-ssim! Nunca pensei que ele estivesse tão cansado da vida!

D. BRIOLANJA

— Ouall! Ficaide sabendo, minha estremosa filha, que a vossa real paternidade está convencida que ao chegar às praias do nosso antigo reino cairá sobre ele uma chuva de pétalas de flores...

ALDEGUNDES

— Uma chuva de picaretas, talvez! Por certo lhe não atrairão tomates pois creio que no nosso antigo reino esses carnuados frutos estão pela hora da morte...

D. BRIOLANJA

— Ide dizer-lhe isso a ele! E olhaide, ele aí vem: vede se o conseguídes convencer a limpar a pinha dessas teias de aranha...

EL-REI

— Deus vos salve, senhoras minhas! Por minha fé que parecídes duas conspiradoras! De que faláideis?

D. BRIOLANJA

— Das vossas reais manias, senhor meu esposo!

EL-REI

— Pois quê? Acaso soídes vós, a gente da minha carne e do meu sangue que descreídes no preclaro génio governativo?

D. BRIOLANJA

— O vosso génio não é governativo, é implicativo. Deixaide-vos de reais peneiras!

Medievais

ALDEGUNDES

— Adorado papá, é verdade que ainda alimentais essas nefastas ideias de regressar ao nosso antigo reino?

EL-REI

— Minha estremosa filha, o lugar dum rei é no seu reino! Assim os exigem os seus milhões de vassalos!

D. BRIOLANJA

— Bem sabeides que os vossos dedicados servidores não chegam a ser milhões...

EL-REI

— Não digídes asneiras, senhora minha esposa. Se eu vos digo que são milhões é porque sei que são.

ALDEGUNDES

— Quantos milhões, papá?

EL-REI

— Muitos milhões, ficaide sabendo. Não os tenho contado ultimamente.

D. BRIOLANJA

— Mas se sabeides que depois da nossa saída do reino se formaram aquelas doze dinastias, e que cada uma delas agrupa tantos milhões, como é que pensáides que ainda sobre milhões dispostos a serem vossos vassalos?

EL-REI

— Não me arranhídes mais os milhões. Se eu vos digo que os tenho, é porque tenho. Que tendes vós com isso?

D. BRIOLANJA

— Temos que soídes burrialmente teimosos, e se pensáides regressar ao antigo reino, irei desozinho porque eu e vossa filha não alcamos daqui a caganeta!

EL-REI

— Ó impúdica dona! Acaso ignoráides que deveídes obediência cega ao vosso amo e senhor? Vireídes comigo nem que seja à porrada! E ficaide sabendo que a hora é prate! Haveídes ouvido das dissidências entre as tais dinastias?

D. BRIOLANJA

— Senhor meu esposo, com os miolos que tendes, estaide descansado que nunca tereídes uma meningite. Acaso pensáides que mesmo que essas dinastias comecem à porrada umas com as outras algumas delas vos passa cartão?

EL-REI

— Calaide-vos, dona de pouca fé! Ficaide sabendo que as novas que tenho é que no meu antigo reino choram baba e ranho de todo o tamanho com saudades do meu sábio governo!

cont. na pág. 15

COMO VAI A SUA BATALHA DA PRODUÇÃO?

EU JÁ PRODUZI MUITA COISA: CINCO FILHOS E CADA UM COM UM PARTIDO! NÃO SENHOR, O MEU MARIDO NÃO TEM NENHUMA DÚVIDA EM CONTINUAR A PRODUZIR...

CAPITALISTA:
ISTO ANDA MUITO POR BAIXO TENHO QUE RUMENTAR A MINHA PRODUÇÃO DE TACHOS...

OPERÁRIO:
EU NÃO POSSO PRODUZIR MAIS, PORQUE SENÃO TENHO QUE AS MANIFESTAÇÕES

AGRICULTOR:
VAI MAL! SE PRODUZO FLORES, O POVO QUEIXA - SE QUE FALTAM TOMATES; SE SEMEIO TOMATES, QUER MILHO SE VOU PARA O MILHO ... QUER ALHOS!...

INTERMEDIÁRIO:
PRODUZAM, PRODUZAM QUE EU PRECISO DE ME GOVERNAR...



maçã e canelada

Desde que Adão se meteu a comer a maçã com a Eva — porque, digam lá o que disserem, eles comeram a meias e... não foi só uma, não — que os homens se vêem em palpos de aranha com as mulheres, precisamente porque não podem passar sem elas (sem elas, mulheres e sem as tais maçãs...), na sua grande maioria. Sim, porque alguns não podem é passar

sem os homens, os tais filhos da mãe que vieram errados no sexo!

Mas, não viemos aqui falar desses tais... O nosso escrito resulta de uma

notícia que nos vem de Itália, de Turim. Um homem — mesmo homem no tal negócio da maçã... com caroco e tudo — foi sentenciado a dois

anos de cadeia, sem apelo. E sabem porquê? Acreditamos que não sabiam, por certamente não terem visto a notícia e, por isso, aqui estamos para vos elucidar. O homem foi parar à cadeia por se ter provado em tribunal que tinha abusado da própria mulher! Assim mesmo. A mulher, de 24 anos, afirmou no tribunal que o marido, de quem

vivia separada há uns tempos, a fora visitar a casa dos seus pais depois do que a convenceu a ir com ele até à cave onde puxando de uma pistola, a obrigou a ceder aos seus desejos... Faz-nos um bocado de confusão como é que o homem terá feito aquilo de pistola em punho, sem perder a cabeça nem largar da mão nem a pistola nem a mulher... Mas o certo é que embora o homem afirmasse que ela fora de vontade, e mesmo sem testemunhas oculares, bastou a mulher garantir no tribunal que fora aquilo (insensível, sem nem sequer ter dado um jeitinho, não?...) para os juizes pregarem com o marido na cadeia. Foi mesmo... maçã e canelada, caramba! Mais lhe valia ter ido ver de outra mulher ou, então, não ter utilizado a mão para empunhar a pistola!... Com tais juizes — inclinados a acreditar, assim na palavra deu uma mulher, sem ligar nenhuma à palavra de um homem, não se podem comer maçãs em Itália, não! Por cá, muito embora a fruta esteja cara, nesse capítulo ainda não chegámos a tal ponto... Elas, às vezes, cansadas da lida da casa (e do emprego, quando têm as duas lidas) não vão lá muito de vontade mas... dão o jeito e não metem os maridos na cadeia!

Repórter Xispas



ESTE SEMANÁRIO
É TRANSPORTADO
PARA TODO O PAÍS
NOS CUMEDIOS DA



no país das MESAS REDONDAS

Já não há mesas nem gêneros quadrados: tudo se passa em mesa-redonda! Com gestos redondos, palavras redondas, redondos sorrisos, os sagazes ocupantes das mesas-redondas atiram ao País frases redundantes, esféricas como o ovo de Colombo, inspi-

radas, salvadoras! A economia, a indústria, a agricultura, a cultura, a imprensa, o teatro e todos os problemas e actividades do País desfilam em extensa lista por mesas-redondas, resvalam nelas, deslizam sobre um povo que, à força de lhe dizerem que "de-

ve apertar o cinto", se sente cada vez menos redondo... Reuniram-se iam Pitonisas e oráculos de Delos em mesa-redonda? Foi recuperada a mesa-redonda onde o Infante D. Henrique se juntava a cartógrafos sem sindicato e navegadores? Teria sido a falta de

mesa-redonda a causa da derrota da Napoleão em Waterloo? Ante a crescente omnipresença das mesas-redondas e do sortilégio que emanam, essas interjeções singlas perpassam angustiosas nos espirritos. Astrónomos e físicos contumazes provaram ao lon-

go dos séculos que a terra redonda ou em forma de ra-lombarda, não prova que a mesa-redonda é a fa-sublime de clarificar asduas e vencer crises, que a gência é mais efervescente operante em mesa-redonda, que só em mesa-redonda,

se podem equacionar, discutir e resolver tudo quanto nos afflige e inquieta. Obrigado, mesa-redonda! E a muitos outros portugueses pômos os destinos nas tuas mãos, no teu tempo, nas tuas pernas e dommos descansamos porque nada dá um sono tão

tranquilo e tão pesado como a confiança que nos provoca uma mesa-redonda! Nem todos reagim assim. Diante a mesa-redonda providencial e auto-suficiente, há muito boa gente que começa a acreditar de preferência nos méritos e excelências da mesa de pé-de-galo... E não pedem essas pessoas a esperança dominical e televisiva de, em época muito próxima, verem intelectuais e caras conhecidas, em torno da mesa de três pernas, sob a presidência de uma qualquer nigromante, a distribuir-lhes talismãs, amuletos, cabeças de víbora, figas, chifres em miniatura!

Por agora, a mesa-redonda vive o seu período duro, faz estratégia da "quadrado": A herosidade, o yolo é o talento militar do Comendador são individuais. Mas à luz das novas técnicas, é hoje licito perguntar: — Não teriam sido as suas vitórias mais brilhantes e clamorosas se, em vez do quadrado, tivesse recorrido à mesa-redonda?

POR EZEQUIEL

esquecer todas as peras do arcaico mobiliário D. João V. A mesa-redonda é o estilo nacional da nossa época como o vaso de alabastro iluminado foi um símbolo da "belle-époque". Corresponde a uma exigência democrática. A redonda é salientada, as ideias divergentes. Em mesa-redonda, somos mais frágeis, mais iguais, mais loquazes. E asseins não são tão quadrados... Enquanto isso, o País arredondado de passmo, com a boca em O permanente, hesitante entre o bocejo e certos termos muito vehiculaes, alerta o ouvido, escuta, "desseclarece-se", e emontado, confiança aos seus botões: — "Que seria de nós sem a mesa-redonda? Pode ser que não tenha percebido nada mas pelo menos percebi que a mesa era redonda".

A tentação da mesa-redonda é irresistível. Na senda do assalador hábito nacional, o próprio Porfira Filho, zureiro subtil dos nossos cartões, cai na mesa-redonda e avossa a barbilha mefistofélica,

em mesa-redonda, que Morlim e Cagliostro em conversa com a feminista Nardila Correira, o estruturalista Prado Coelho e o capitão Ramiro Correira, não há dúvida! Deputado adeado, desta "tertarquia" de adesões, podemos dizer que a mesa-redonda chegou, viu e venceu em toda a frente!

Nun'Alvares Pereira usou a estratégia da "quadrado": A herosidade, o yolo é o talento militar do Comendador são individuais. Mas à luz das novas técnicas, é hoje licito perguntar: — Não teriam sido as suas vitórias mais brilhantes e clamorosas se, em vez do quadrado, tivesse recorrido à mesa-redonda?

Oi marceneiros portugueses afadim-se, não têm mãos a medir ante o volume das encomendas... As mesas-redondas enchem o mercado, inundam o país, exportam-se às carradas. A partir de agora, tudo se tem de passar à mesa-redonda. As famílias reuniram-se à mesa-redonda para apreciar as contas da lavandaria ou para consingumar uma solução para os distantes daquela filha que quase não come, anda toda a noite na moira e que está cada vez mais redonda! Todos os casos "bipidos", a saber, dívidas, orçamentos familiares deficiéuticos e doenças serão levados à mesa-redonda que, pela sua natureza mágica, imediatamente simplificará a vida dos seus possuidores. Haverá casamentos e divórcios em mesa-redonda, psicanálise de grupo...

E todos, todos nós, em mesas-redondas, de mãos postas, pediremos diante do prado subtil dos nossos cartões, do cordão das mesas-redondas: — Dai-nos o pão nosso de cada dia...



UFFI PARECIA QUE ESTE DIA NUNCA MAIS CHEGAVAI POIS É VERDADE, AMIGOS: ATÉ O GATO! VOCÊS COMPREENDEM: QUEM TEVE PRIMEIRO A IDEIA FOI A D. BRIOLANQUE QUE FOI FAZER QUEIXA A EL-REI E DIZER QUE JÁ ESTAVA FARTA DE LIMPAR O PÓ E FAZER OS MORFOS PARA AQUELA CAMBADA TODA E QUERIA IR PARA COPACABANA ESPANHEJAR-SE AO SOL, DEPOIS VEIO LOCO O REPORTER TOBIAS — VOCÊS CONHECEM, AQUELE DAS BRONCAS... — QUE DISSE QUE SE NÃO TIVESSE FERIAS SE PIRAVA PARA O ESTRANGEIRO. A SEGUIR VEIO A RECLAMAÇÃO DO AUTOR DO HUMOR NEGRO QUE DISSE AO DIRECTOR QUE SE NÃO TIVESSE FERIAS PASSARIA A ESCREVER HISTÓRIAS DE AMOR — O QUE É PARA NÓS A SUA MELHOR PIADA DE HUMOR NEGRO.

O FERRA (É AQUELE GAJO QUE FAZ BOZECOS E QUE ATÉ AQUI HÁ POUCO TEMPO FEZ UM QUE SAIU BONECIA VAI PRATICAR NO SEU NOVO DESPORTO: MUDAR FRALDAS. ACHO QUE JÁ CONSEGUIE MUDAR UMA EM DEZ MINUTOS E VINTE CINCO SEGUNDOS, SE ESTIVER SO MIJADA, E DAS OUTRAS VIRA A CARA PARA O LADO E CHAMA A BALBINA DELE).

O DESGRACADO DO ARIM LÁ DOS CENFINS DO CANADA MANDOU DIZER QUE SE NÃO TIVESSE FERIAS IRIA SUBIR PARA UMA LOCOMOTIVA E IR PARA A FLÓRIDA, CRIANDO ASSIM UM INCIDENTE FERROVIÁRIO-DIPLOMÁTICO. E O EZEQUIEL... BOM: ESSE SÓ TEM FERIAS QUANDO SE FAZER UMA MESA REDONDA COMO O SHERLOCK HOLMES, O PERRY MASON, O PATILHAS E VENTOINHA E MAIS UMA DÚZIA DE DETECTIVES E DESCOBRIREM QUEM ELE É.

O DIRECTOR TAMBÉM COMEÇOU A PENSAR QUE PUBLICAR NESTAS DUAS SEMANAS "OS RIDICULOS" COM ARTIGOS CONSERVADOS EM ALCOOL ERA INDEBENTE PARA OS LEITORES. A GENTE VAI TODA PASSAR DUAS SEMANITAS FORA E DAQUI A 3 SEMANAS CÁ ESTAMOS OUTRA VEZ, ADEUS ATÉ AO MEU REGRESSO.



PSICOLOGIA INFANTIL

Ora no nosso número anterior eu tinha prometido às minhas prezadas leitoras pos-suidoras dos gravíssimos problemas gerados pelos pequeni-nos monstros que elas pró-prias geraram, dar-lhes os meus sábios conselhos para as suas duvidosas regenerações, e digo duvidosas porque depois dos seis meses de idade eles são já praticamente casos perdidos no mundo da criminali-dade.

Mas enfim. A verdade é que alguma coisa haverá que fazer e portanto lá voltamos ao irremediável dilema de manter a binómio "Crime e Castigo" como uma constante da vida, tal e qual como o sonho daquela música muito gira que há muito tempo não se houve se calhar porque também é alienatória.

Tinhamos no entanto visto na minha lição anterior que muitos dos mais conceituados psicólogos da nossa praça pro-

clamam em altos e científicos berros que os castigos às crianças se não forem sabi-mente aplicados lhes podem causar traumatismos psicoló-gicos conducentes a estados adultos de psicopatas, que quer dizer que metem a psico-pata na poça na primeira al-tura e depois dizem que é por

terem ficado com um comple-xo de quando eram pequeni-nos terem lavado porrada sem terem feito nada de mal, quer dizer nada mais do que torcer o pescoço ao gato de estima-ção da tia Mariana, ou terem vazado um olho ao menino mais novo da mana Angélica que daí para a frente passou a

ver a vida com maus olhos.

E se é verdade que essas vítimas ficaram com ligeiros traumatismos, eles, coitadi-nhos, que tiveram o trabalho de torcer o pescoço ao gato e de vazar o olho à criancinha também ficaram e com traumatismo ainda pior porque foi um traumatismo espiritual daqueles que não saem com mercurocromo nem com arni-ca.

Pois esses mestres da con-fusa ciência da psicanálise são ao que parece unânimes em alguns pontos: o primeiro é que qualquer falta das crian-ças deve ser punida, porque se o não for o putco acaba por ficar traumatizado por nin-guém lhe dar importância, e depois de torcer o pescoço ao gato e ver que isso não o tor-nou em pessoa importante trata de ir torcer o pescoço à avozinha parafítica para ver se tens mais sorte e mais publici-dade.

Portanto o que ele está à procura quando faz esses lou-váveis actos de limpeza é da na tural atenção que um mundo ingrato teima em lhe negar.

Ora isto traduzido em miú-dos o que quer dizer é que o putco está, nessas alturas a pedir um enxurro de porrada. Que, a não ser dada, pode significar o tal traumatismo psicológico que o ficará a li-xar a vida inteira. Por isso é coisa assente que, como dizia Robespierre por isso eu acho que um bom borracho que o deite abaixo é radical, porque também se não faz bem... também não lhe faz mal.

Mas aqui surge uma lancinante dúvida para os papás e as mamãs das criancinhas e que se cifra no facto de saber quando e como se há-de dar o enxurro de porrada nos putcos que prevaricarem.

Por um lado, se os pequeni-nos monstros fazem qual-quer acto de sabotagem como aqueles a que acima me referi, de esperar um dedo no olho dum convidado de cerimónia ou de levantar a cabeleira da tia Georgina num jantar fino, o oportuno seria arrear-lhe imediatamente um biqueiro no trazeiro ou gentilmente parti-lhe um bracinho, ou qualquer coisa que pudesse ser considerada suficiente-mente punitiva.

Mas aqui surge como um fantasma acusador a figura ascética (porra que esta pala-



* ANÚNCIOS CLASSIFICADOS *



DECLARAÇÃO

Gilberto Felisberto Incerto vem publicamente declarar que se não responsabiliza pelas dívidas ou outras acções cometidas por sua esposa Arminda Rosalinda Florinda que abandonou o seu lar no fim do Verão passado levando consigo a mobília de sua casa (sua dele) deixando ficar unicamente a televisão, razão pela qual só agora ele deu pela sua falta.

PERDEU-SE

Veio à nossa redacção o senhor Caritativo das Dores para nos informar que tinha perdido completamente a esperança de se curar do vício da embriaguês pelo que nos pedia para recebermos em seu nome qualquer donativo dos nossos leitores para minorar a sua sede. Aceita também cervejas (engarrafadas).



INSTRUMENTOS DE PRECISÃO

Procurou-nos o senhor Sérgio Gordinho pedindo-nos para esclarecer o público de que o facto de ser preciso avisar a malta não significa que isso tenha que ser feito pelo telefone, tornando assim o incômodo aparelho num instrumento de precisão.

MANIFESTAÇÃO ARDEU A TENDA

Manifestou-se um violento incêndio na residência do senhor Fulgência da Luz, tendo ardido completamente uma tenda de campismo que estava guardada na dispensa da cozinha. O fogo foi rapidamente dominado porque felizmente tratava-se dum curto-circuito. Se o circuito fosse maior, teria certamente havido maiores prejuízos.



HISTÓRIAS ERÓTICAS

cont. da pág. 3

fortadas patas e galinhas até seiscentas e vinte sete patas neurasténicas.

E foi um delírio! O galo da Birmânia não hesitou um momento: abanou as asas, saltou o seu grasnido de guerra e voou para cima da primeira pata. E depois passou para a outra. E para a outra...

O Jeremias sentiu que estava governado na sua exploração e deixou o galo da Birmânia entregue às suas louáveis e entusiásticas actividades enquanto ia tratar da vida para outro lado.

Toda a tarde e toda a noite ele ouviu a contínua restolhada e os cacarejos das con-

fortadas patas e galinhas até que adormeceu.

Na manhã seguinte levantou-se e foi até aos cercados. E diante do das galinhas teve um sobressalto: o galo da Birmânia não estava à vista! Correu para o cercado das patas, ali ao lado e só viu a multidão das patas viradas nostalgicamente para uma fenda na vedação por onde o galo da Birmânia se tinha certamente escapado...

O Jeremias sentiu cair sobre ele o desânimo. Não era já a perda do dinheiro que o galo da Birmânia lhe tinha custado: era o sentir da perda daquele governo para as suas

galinhas e as suas patas. Para onde teria ele fugido?

E lá foi pelos campos fora ainda com a vaga esperança de o encontrar.

Mas nada. Os campos estavam desertos. Estendiam-se num isolamento sem fim, por léguas e léguas em redor...

O Jeremias continuou a andar. E de repente viu lá ao longe no céu o vultear lento dum bando de abutres certamente a farejar carne morta cá em baixo.

O Jeremias seguiu para essa direcção. E daí a pouco sentiu o coração apertado, num sobressalto: alguns metros mais adiante, estirado numa berna do caminho, as penas arripiadas e as pernas inteiricadas estava o galo da Birmânia imóvel e feito num verdadeiro farrapo. E o Jeremias quase chorou. Lentamente chegou até ao pé daquele pequeno e patético vultor, enquanto no ar os abutres baixavam em círculos na es-

perança da pilhagem dos despojos.

O Jeremias curvou-se e ia a estender uma mão trémula para o apanhar: ao menos pouparia os seus restos mortos àquela carnagem...

Mas nesse momento o galo da Birmânia voltou lentamente a cabeça para ele, e em voz baixa disse-lhe:

— Tá quieto! Não te mexas! Não faças barulho... DEIXA-OS POUSAR!

FILOSOFIAS DE PATACOS... TALVEZ NÃO!

Nada é, muitas vezes, mais compreensível que a compreensão das coisas ditas incompreensíveis!

O MAS e o SE são duas daquelas coisas com as quais toda a gente deve contar, em todas as circunstâncias da vida — e da morte, evidentemente!

Ver e crer — como São Tomé — já não chega. Há que ajudar, também!...

Se a boa vontade chegasse para tudo... não haveria tanta coisa murcha!

Muitos homens que se julgam bons são, bastas vezes e sob inúmeros aspectos, fundamentalmente maus. As mulheres, essas, no FUNDO são sempre boas!

Nada resolve de essencial para se acabar com as desinteligências disputas e antagonismos desde Mundo, as pessoas olharem-se bem ao espelho antes de criticarem outrém mas, sim, olharem bem de frente umas para as outras, antes de falar ou agir!

Quem ri à última, poderá de facto rir melhor mas, será sempre um riso venenoso e amargo!

Nunca se sabe quanto custa a um homem (ou mais) um sorriso de mulher!

ARIM



PSICOLOGIA INFANTIL

cont. da pág. 10

vra é fina cum catano!) do psicanalista a dizer que um castigo aplicado a uma criança é uma espécie de faca de dois gumes; porque se é certo que o traumatismo físico que ele sofre pelo biquêiro no cu ou pela fractura exposta do antebraço são coisas que ao fim dum determinado número de dias cicatrizam e às vezes até nem deixam sinal (salvo os casos excepcionais de se lhe arrancar mesmo o osso) (a mesmo assim ainda pode aplicar um braço postico) (e nesse caso até pode vir um dia a celebrar-se num filme como os do maneta da televisão) salvo nesses casos, dizia eu, tempos depois o putu já nem se lembra da porrada, mas ah, ah! no mais íntimo do recondito dos fundilhos do seu mísero subconsciente ficará-lhe-a-lhe sempre o traumatismo da punição sofrida sob os olhares torvos e condenatórios da assistência nacional dos delinquentes, e isso poderá mais tarde levá-lo a tirar mais olhos ou a escalpelar mais velhinhas indefesas sem que ele sequer consiga descobrir donde lhe vêm tais impulsos criminosos.

Claro que nós os sábios sabemos perfeitamente que isto é um facto incontroverso (esta ouvi eu num comício político) e por isso muitos papás e muitas mamãs começaram a adoptar em casos de delitos cometidos pelos pequeninos e adoráveis mostrozinhos, um sorriso meio amarelo e a dizer-lhe a meia voz: "Em casa depois falamos!"

Claro que o putu não se encontra nada interessado em discutir o assunto nem nessa nem noutra qualquer ocasião, e muito menos em casa. E geralmente, como o seu gesto de louvável iniciativa para corrigir a visão do senhor de cerimónia que estava a olhar para ele de lado e ele queria que o olhasse de frente, ou de ajeitar a cabeleira postiga da

madama porque lhe repugnava tais artifícios de cálculo, tais gestos de livre iniciativa, dizia eu, tinham sido mais espontâneos que um toureiro amador na Maestranza de Sevilha, o putu fica naturalmente e preocupadamente bera.

A verdade é que todo o resto do jantar ou da visita lhe ficam completamente estragados, e a única safa que eles tem para se animar nessas horas de dolorosa angústia e ansiedade antes de chegar a casa é fazer qualquer coisa digna de si, mas sem o consentimento dos papás ou das mamãs, como seja escapar-se para a cozinha e fazer chi-chi na taça da salda de frutas, o que lhes confere (às frutas) um "bouquet" verdadeiramente afrodisíaco e a ele (putu) uma ligeira compensação.

Mas a visita ou o jantar acabam, e se é certo que muitos papás e muitas mamãs preferem deixar passar o incidente diplomático no esquecimento (com o que, fiquem sabendo, ainda mais humilhado o desgraçadinho do putu que se vê assim desprezado no conceito da família) outros há que, sadicamente, cruelmente, vingativamente, beras como a ferrugem mentam assim que chegam a casa organizam rapidamente um tribunal plenário, gritam em altos berros o libelo acusatório e ditam a sentença que é invariablymente uma valentíssima carga de porrada com o Cinto ou com o chanato mais grosso.

E cá voltamos nós aos resultados traumáticos das punições. O putu às vezes já achou na análise que foi fazendo dos pactos, todas as circunstâncias atenuantes e até em alguns casos planejando justificativos de ter tirado o olho ao senhor de cerimónia ou de ter descreado a velha marquesa. E ao ver-se assim condenado rápida e eficientemente, e sem sequer lhe

ter sido admitida fiança nem a argumentação de defensor officioso, fica profunda e indelévelmente marcado na psiq para toda a vida.

Claro que é para isso mesmo que servem estas lições de psicologia. E desta primeira lição que certamente os meus infelizes leitores possuídos desses animalinhos domésticos chamados crianças certamente leram atentamente res-

saltam os pontos seguintes:
1 — É preciso dar porrada aos putos quando fazem asneiras.

2 — Os putos fazem sempre asneiras.

3 — É inconveniente arriar-lhes porrada diante de gente.

4 — É ainda pior avisá-los de que vão comer porrada daí a quatro ou cinco horas.

Resultante e conselho final:

Para obviar a todos esses inconvenientes, a solução é antes de saírem de casa, e antes que os putos façam qualquer asneira, arriar-lhes logo uma valentíssima carga de porrada, que já lhe fica em crédito de conta corrente e que também evita aos pais terem ainda que se preocupar com tais detalhes quer durante as visitas quer depois de chegarem a casa.

AS GRANDES MARCHAS

ALDEGUNDES

— Nem penseis nisso! Quem vos meteu essa loa na real pinha?

EL-REI

— A vossa gigantesca estupidez merecia um monumento! Então não sabeis que uma vez mais a governação do meu ex-reino se foi abaixo das canetas? Que penseis que isso quer dizer?

D. BRIOLANJA

— Quer dizer que algo estarão a melhorar...

EL-REI

— Poi estão! Estão as condições para o meu regresso! Não haveis sabido das novas que me chegaram dos novos ofícios que existem no meu antigo reino?

ALDEGUNDES

— Novos ofícios? Ao que sei não foram inventados nenhuns...

EL-REI

— Soides uma analfabeta. Nem sei para que foi que eu gastei tantos dobrões com o ensino das letras que vos dei. Ficaide sabendo que no meu antigo reino existe hoje um novel e importante ofício, que é o de manifestante.

D. BRIOLANJA

— Mas esse ofício não é novo...

EL-REI

— Não é novo, mas está muito na moda, e todos os meus vassallos o praticam agora. Bem sabeis que com essas negras ideias de plebocracia se juntam em grandes marchas tanto nobre como plebeus e marcham todos os dias pelos burgos...

ALDEGUNDES

— Que dizeides? Andam assim juntos o clero, a nobreza e o povo?

EL-REI

— Bom, o clero anda por outro lado. Mas a nobreza e o povo andam juntos... E ao que parece fariam-se de andar...

D. BRIOLANJA

— Mas a que se deve esse súbito entusiasmo popular por tal desporto?

EL-REI

— Não vos sei dizer como começou. Mas já me passou pela real pinha que seja qualquer o resultado duma recente campanha que fizeram ao nosso reino os mestres dos jogos malabares e a que chamaram a Campanha de Formação de Atletas Ao Pé da Porta...

D. BRIOLANJA

— Que coisa estranha! E por quê ao pé da porta?

EL-REI

— Bem se vê que não percebeis nada de política! Então conseguides meter nesse obtuso bestunço que considerando a imensa quantidade de marchas que as gentes do nosso antigo reino têm todos os dias que fazer, eles são obrigados a treinar-se todos os dias ao pé da porta para depois poderem ser rapidamente encaminhados para as grandes marchas?

SUPER MANOS

LARGO DO MASTRO 5 (AO CAMPO DE SANTANA)

TEL. 562411/10 LINHAS



A MAIS
FÁBULOSA
GAMA DE
APARELHAGENS
ELECTRODOMÉ-
STICA E DE
SOM
ESTEREOFÓNICO
DAS MAIS
FÁBULOSAS
E
ACREDITADAS
MARCAS
MUNDIAIS

MOBÍLIAS MARAVILHOSAS EM TODOS OS ESTILOS
COLCHÕES SENSACIONAIS DE CONFORTO
"EPEDA" E "DELTALOC"